



**RATIO – FACULDADE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE**

**ANDRÉ DIEGO MOURA PONTES**

**O DIÁRIO ÍNTIMO COMO OBJETO TRANSICIONAL NA ADOLESCÊNCIA:  
Uma análise da “escrita de si” para Anne Frank**

**FORTALEZA – CEARÁ  
2019**

ANDRÉ DIEGO MOURA PONTES

O DIÁRIO ÍNTIMO COMO OBJETO TRANSICIONAL NA ADOLESCÊNCIA: Uma  
análise da “escrita de si” para Anne Frank

Artigo submetido à aprovação do Curso de  
PÓS-GRADUAÇÃO em Psicanálise pela  
Ratio – Faculdade Teológica e Filosófica,  
como requisito parcial para obtenção de título  
de Especialista.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Emilie Fonteles  
Boesmans.

FORTALEZA – CEARÁ

2019

ANDRÉ DIEGO MOURA PONTES

O DIÁRIO ÍNTIMO COMO OBJETO TRANSICIONAL NA ADOLESCÊNCIA:

Uma análise da “escrita de si” para Anne Frank

Artigo como pré-requisito para obtenção do título de ESPECIALISTA em Psicanálise, outorgado pela Ratio - Faculdade Teológica e Filosófica, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos professores.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Emilie Fonteles Boesmans

(Orientadora)

---

Prof. Ms. Antonio Dário Lopes Júnior

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Ana Felícia Caracas

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Mayara Luiza Freitas Silva

## RESUMO

Pontes, Diego. O diário íntimo como objeto transicional na adolescência: uma análise da “escrita de si” para Anne Frank. Fortaleza: Ratio – Faculdade Teológica e Filosófica, 2019. 15 p. Artigo (Pós-graduação em Psicanálise).

O diário íntimo possibilita o processo de individualização do sujeito. A escrita solitária serve como espaço de desenvolvimento do “mundo interno” face as experiências mundanas e do convívio em sociedade.

Este artigo analisa “O Diário de Anne Frank” para identificar e fundamentar conceitos estudados em psicanálise. Essa obra da literatura universal traz como material clínico a escrita epistolar da jovem judia que atravessa os fenômenos transicionais da adolescência em um contexto de guerra.

Portanto, este trabalho abre discussão acerca do uso da produção literária como substância de linguagem ao processo psicanalítico, visto que os “escritos de si” convidam o sujeito a se reinscrever e reescrever simbolicamente a sua própria “narrativa do eu”.

Palavras-chave: diário íntimo, Anne Frank, objeto transicional, adolescência.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>6</b>
<b>3 ANÁLISE .....</b>	<b>8</b>
3.1 ADOLESCÊNCIA.....	8
3.2 IDENTIFICAÇÃO.....	9
3.3 ÉDIPO.....	10
3.4 BUSCA DO MUNDO ADULTO.....	11
3.5 OBJETO TRANSICIONAL.....	12
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>15</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em seu décimo terceiro aniversário, em 12 de junho de 1942, Anne Frank ganhou de seu pai um diário, o qual fora seu refúgio íntimo pelos, aproximadamente, dois anos em que viveu escondida da perseguição nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Conhecido por seus moradores como Anexo Secreto, o esconderijo foi testemunha de medos, conflitos, intrigas, reconciliações, amores, sonhos e esperança.

O presente artigo tem como conteúdo de análise os escritos da jovem judia alemã os quais, ao final da guerra, foram publicados por seu pai, Otto Frank, o único sobrevivente da família. “O Diário de Anne Frank” está traduzido em diversas línguas, tornando-se um dos livros mais lidos do mundo.

Além de ser um importante registro da Segunda Guerra Mundial, pode-se atribuir o fenômeno “O Diário de Anne Frank” ao apogeu da literatura confessional que teve seu ápice no século XIX, em que as trocas epistolares e a escrita do diário íntimo foram uma atividade burguesa da sociedade moderna por excelência; momento em que o núcleo familiar começa a fechar-se em oposição ao convívio público. O contexto do lar abriu espaço para a aparição de um “mundo interno” do indivíduo que começa a florescer nesses espaços solitários.

A falta de uma amizade verdadeira com quem pudesse confidenciar seus sentimentos mais íntimos fez que Anne Frank personificasse seu diário, nomeando-o de Kitty, sua melhor amiga. É nesse contexto de guerra – interna e externa – que a adolescente encontra lugar para ser “si mesmo” no território da escrita. De acordo com Sousa (1997), é esse exílio interior que propicia o nascimento de um sujeito da escrita, tornando-se evidente em passagens, como: “Tenho vontade de escrever, e tenho uma necessidade ainda maior de tirar todo tipo de coisas de dentro de meu peito” (FRANK, 1999, p. 15-16).

É pensando nessa interlocução com Kitty que o pesquisador busca compreender as articulações da escrita endereçada ao outro com os fenômenos transicionais da adolescência. Qual a função da “escrita de si” em “O Diário de Anne Frank” para a organização psíquica da autora?

A motivação para a realização desta pesquisa se dá na relação transferencial do autor com Annelies Marie Frank, tendo aquele publicado, no ano de 2015, “O Diário Gráfico de Kitty: um olhar sobre as palavras de Anne Frank”, uma narrativa visual que reconta a história da jovem judia por meio das sensações de seu próprio diário personificado.

Este artigo traz à tona o grito de uma adolescente que, mesmo abafado nas páginas de um diário, não se calou diante do “incompreensível”; também atende ao desejo do

pesquisador de continuar sua investigação acerca dos fenômenos que envolvem a história de Anne Frank agora sob a luz da psicanálise.

Para além da aproximação do autor com o objeto de estudo, este artigo tem como objetivo principal encontrar uma interseção entre a produção literária com a psicanálise; analisar como a “escrita de si” contribui para o processo de organização psíquica e de autoconhecimento servindo àquela, inclusive, como material clínico. Dessa forma, essa pesquisa atende como objetivos específicos: realizar uma revisão de literaturas psicanalíticas sobre os conceitos que envolvem os temas da adolescência, Édipo e objeto transicional; analisar o diário a partir da sua compreensão enquanto uma “narrativa do eu”; realizar as relações desses “escritos de si” com os conceitos pesquisados.

Portanto, este trabalho propicia espaço para discussões, ampliando o método psicanalítico no tocante ao uso de outros instrumentos que não o da fala, mas o da escrita, como expressão do “não-dito” em um processo terapêutico.

## 2 METODOLOGIA

Assim como Freud, que endereçou muitas cartas a Fliess, fez Anne à Kitty. A partir desse *insight*, surge o interesse do pesquisador em compreender os efeitos terapêuticos por intermédio da escrita. É importante destacar o valor do diário adolescente considerado por Freud como uma “pequena joia”:

Tudo é expresso de modo tão encantador, tão natural e tão sério nessas notas despreziosas que elas não podem deixar de despertar o maior interesse em educadores e psicólogos... é seu dever, julgo eu, publicar o diário. Meus leitores lhe ficarão gratos (FREUD, 1915/1969, p. 385).

O pesquisador não conta com a participação viva da jovem Anne Frank em um *setting* analítico, no entanto recorre ao seu famoso diário na tentativa de extrair sinais de vida dos “escritos de si” da autora para construir hipóteses e propor interpretações, “contando para isso com o corpo teórico conceitual da psicanálise e das informações históricas de que dispõe” (LEVISKY, 2004, p. 65).

O método histórico – psicanalítico propicia uma relação transferencial do investigador com o objeto de investigação, assim como acontece na clínica da psicanálise entre terapeuta e paciente. Logo, o pesquisador, ao ser confrontado pelo objeto, é convocado a interpretar o

sentido dos sentidos, sendo aquele afetado e transformado pelo diário da autora. É a partir dessa interação que a pesquisa acontece.

Pode-se dizer que os diários íntimos são “escritos de si” que buscam construir sentido para a vida a partir de uma ordenação cronológica dos fenômenos. Para Foucault (2006), a escritura pessoal aparece quando o indivíduo começa a situar sua vida em um percurso histórico, e esse percurso deve ser construído, inventado e relatado como uma aventura individual.

Esse processo de historização da vida é substância de linguagem que traduz o próprio método psicanalítico de associação livre. Segundo Foucault (2006) falar de si ou escrever sobre si é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, já que a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito, subordinada à sua sinceridade. Portanto, é esperado da “narrativa do eu” uma simbolização do real, na qual as conjecturas sobre o passado se articulam com as promessas de futuro, em um processo de reelaboração da própria história a caminho da verdade.

Os diários íntimos não só recebem um “banho de linguagem” do contexto histórico no qual se inscreve, como também oferecem um importante registro do estado de espírito de quem os produziu, no momento em que os produziu. Logo, a suposta verdade dos “escritos de si”, assim como em um processo terapêutico, está predicada a como o “eu” reage ao mundo e como o mundo experimenta o “eu” “[...] e tento achar um modo de me transformar no que gostaria de ser e no que poderia ser se... se não houvesse mais ninguém no mundo” (FRANK, 1999, p. 310).

Essa aventura individual marcada pela tentativa de reconstrução da própria vida acima dos padrões hegemônicos da sociedade, revela um sujeito barrado, desconhecedor de si e incapaz de apreender o “eu” diante das suas múltiplas identificações. O sujeito da escrita insurge, então, da pluralidade de discursos constituído no campo do outro. Como destaca Italo Calvino:

[...] este mundo que vejo, este que costumamos reconhecer como o mundo, se apresenta a meus olhos – pelo menos em grande parte – já definido, rotulado, catalogado. É um mundo já conquistado, colonizado por palavras, um mundo com uma pesada crosta de discurso. Os fatos de nossas vidas já estão classificados, julgados, comentados, antes mesmo de ocorrerem. Vivemos num mundo onde tudo já foi lido, antes mesmo de existir (CALVINO, 2005, p. 143).

Os “escritos de si” deixam rastros não assimiláveis por parte daquele que escreve sobre si mesmo. O desconhecer-se e o conhecer-se são fenômenos autênticos tanto mediante a

experiência psicanalítica quanto por meio da escrita. Segundo Costa (2001), essa escrita produziria efeitos no autor para além daquilo que ele se percebe escrevendo.

Em vista disso, o que se propõe neste artigo com o método histórico- psicanalítico é uma “leitura-escuta” do Diário de Anne Frank – semelhante ao texto “O Caso Schreber” (FREUD, 1911) – de modo a “escavar” elementos que atestam essa reciprocidade da “narrativa do eu” por intermédio da escrita com o campo da psicanálise.

Considerando a extensão do objeto de estudo – escritos íntimos de 1942 a 1944 – e a complexidade de assuntos neles abordados pela jovem judia durante a Segunda Guerra Mundial, delimita-se esta pesquisa em torno da temática central – adolescência – e suas categorias: Édipo, identificação, objeto transicional e busca do mundo adulto, conforme uma leitura da psicanálise.

O próximo capítulo busca utilizar esses conceitos para analisar o material coletado na narrativa da autora, com a finalidade de interpretar o que ficou escrito nas páginas de sua história e, sob o olhar da psicanálise, ilustrar a partir de recortes dessa “escrita de si” como o ato de escrever pode dar sentido a pulsão.

O conteúdo será organizado em categorias de análise, onde o autor traz a discussão do tema em articulação com as passagens extraídas do diário.

### **3 ANÁLISE**

A partir da leitura de “O Diário de Anne Frank” e dos referenciais bibliográficos no campo da psicanálise, foram identificadas cinco categorias importantes para a estruturação do corpo teórico e coleta de material a serem articulados na análise proposta por este artigo. São elas: adolescência; identificação; Édipo; busca do mundo adulto; objeto transicional.

#### **3.1 ADOLESCÊNCIA**

Um dos fenômenos mais marcantes no adolecer da vida é a crise identitária em razão da guerra interna e externa travada intimamente pelo jovem adolescente. Essa experiência do sujeito frente a si mesmo revela um trabalho psíquico de questionamento da própria existência que estimula o ato da escrita em busca de um controle daquilo que lhe escapa - o luto da infância, a castração e a perda do próprio corpo.

Winnicott em oposição a Freud, no que se refere à sexualidade, se aprofunda e inova o pensamento sobre a adolescência, afirmando que o jovem está em busca de uma identidade

própria e que suas necessidades essenciais atravessam questões existencialistas e não apenas instintuais.

Segundo Winnicott: “adolescência, que significa se tornar adulto, é uma fase de crescimento normal. Ela cobre o período da puberdade do indivíduo. Inclui também a socialização do moço e da moça. Neste sentido, a palavra socialização não significa adaptação e conformidade” (WINNICOTT, 1965, p. 218).

Na perspectiva winnicottiana, a jornada do adolescente em busca do mundo adulto não é fácil, causa sofrimento, mas é naturalmente saudável. De modo que a “rápida alternância entre independência rebelde e dependência regressiva, ou mesmo as duas formas coexistindo ao mesmo tempo (WINNICOTT, 1961, p. 117) é uma característica comum em zona de conflito entre o jovem e o seu ambiente.

O estopim para esse grande conflito é, para Winnicott, quando o adolescente descobre – ou fantasia – que possui a força de um adulto. Considerando essa possibilidade de perda da infância, ele parte em busca de novas identificações para sentir-se real. Uma jornada solitária e fundamental nessa fase do desenvolvimento humano que tem como “cura” o próprio ato de vivê-la.

### 3.2 IDENTIFICAÇÃO

Essa aventura individual de busca por algo que tampona a falta e estabeleça o sentimento de proteção é uma reedição do estágio do espelho na adolescência. O mesmo bebê que um dia demandou o olhar do outro para provar sua unicidade, agora na adolescência suplica o “olhar de um ‘novo’ outro, de um olhar que confirme o novo estatuto de sua imagem como desejável e desejante” (GIONGO, 2004; RASSIAL, 1999). E o que é a adolescência se não um período de estabelecer novas identificações?

É uma luta para sentir-se real, para estabelecer uma identidade pessoal e para viver aquilo que deve ser vivido sem ter que conformar-se com o que foi pré-estabelecido; o adolescente busca tipos de identificação para não se sentir tão sozinho, apesar de saber que essa luta é solitária (BRAGA, 2009, p.49).

Ao que parece, Kitty não é uma interlocutora qualquer, mas a idealização de uma amiga para Anne Frank. Declarações como estas são habituais: “Querida Kitty, hoje tenho duas coisas para confessar. Vai demorar um longo tempo, mas tenho de contar a alguém, e você é a candidata mais adequada – sei que vai guardar segredo, não importa o que aconteça”

(FRANK, 1999, p. 153).

Kitty, não por acaso, é nome de uma das heroínas de sua série de livros favoritos, “Joop ter Heul”, da escritora holandesa Cissy van Marxvelt, pseudônimo de Setske de Haan. No romance pré-guerra para garotas adolescentes, Kitty Francken é perspicaz, alegre, engraçada e frequente recebedora de cartas de sua melhor amiga, personagem-título, Joop. Logo, percebe-se uma forte influência da romancista nos escritos de Anne que adotou o estilo epistolar em seu diário, endereçando cartas a uma amiga fictícia, Kitty.

Segundo Aberastury, essa fuga defensiva na qual o indivíduo "mantém e reforça a sua relação com os objetos internos e evita os externos", é um mecanismo do mundo interno que regula as emoções e caracteriza o adolescente que na busca de uma identidade própria volta para si mesmo. Nesse caso, o outro que reconhece é, para Sorenson, o “saber quem sou”.

A epígrafe que inicia o diário de Anne Frank – “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (FRANK, 1999, p. 11) – pode ser considerada, portanto, um pacto da jovem judia com o seu mundo interno, Kitty.

### 3.3 ÉDIPO

Percebe-se na ética do desejo, a herança do Édipo que se presentifica no sujeito castrado pelo “nome-do-pai”. Segundo (Marty, 2008), a passagem pela adolescência implica na revivência do enfrentamento do Complexo de Édipo, na reorganização narcísica e na reestruturação da arquitetura do corpo pulsional.

Não estou mais satisfeita com o afeto sem sentido e com as conversas supostamente sérias. Sinto falta de alguma coisa que papai é incapaz de me dar. Não tenho ciúme de Margot, nunca tive. Não invejo seu cérebro ou sua beleza. Só gostaria de sentir que papai realmente me ama, não porque sou sua filha, mas por que sou eu, Anne (FRANK, 1999, p. 67).

Diante da promessa edípica, o sujeito adolescente sofre uma quebra das identificações arcaicas e vivencia o típico conflito entre o prazer e a renúncia numa disputa de demandas entre seus dois mundos: o interno e o externo. Portanto, é natural nessa fase do desenvolvimento humano que haja o isolamento, o distanciamento familiar e a busca identitária de novos referenciais nos diversos grupos sociais de convivência do jovem. Tal fenômeno ainda se tornaria mais angustiante para Anne Frank que, privada de liberdade, vivenciou o lar com outros moradores no Anexo Secreto, quebrando as barreiras do particular

e do público. Restando ao seu diário os poucos momentos de intimidade: “Algumas vezes acho que Deus está querendo me testar, agora e no futuro. Vou ter de me tornar uma boa pessoa por conta própria, sem ninguém para servir de modelo ou me aconselhar, mas no final isso vai me tornar mais forte” (FRANK, 1999, p. 67).

A reedição do complexo de Édipo é o grande conflito da adolescência. “A agressividade, assim como a sexualidade, assusta o adolescente na potência inicial. O adolescente, nesse momento, pode tanto matar como engravidar alguém; esses atos saem do plano da fantasia para a possibilidade real” (BRAGA, 2009, p. 47). E por não saber gerenciar essa nova força, o jovem se retrai do convívio familiar, pois na sua fantasia inconsciente, para se tornar adulto, usaria o poder de matar para ocupar o lugar de genitor. “Na fantasia da criança, está contida a morte; na da adolescência, está contido o assassinato” (BRAGA, 2009, p. 47).

Consigo imaginar mamãe morrendo algum dia, mas a morte de papai parece inconcebível. É muita ruindade minha, mas é assim que me sinto. Espero que mamãe nunca leia isso ou qualquer outra coisa que escrevi (FRANK, 1999, p. 55-56).

A partir deste enfrentamento, a separação dos pais externos reais torna-se necessária para o processo de individualização do adolescente que sai em busca do mundo adulto, uma vez que as figuras parentais internalizadas compõem a sua personalidade.

Quero ver as coisas com olhos novos e formar minha própria opinião, não somente copiar meus pais, como no provérbio ‘A maçã não cai longe da árvore’ Quero reexaminar os van Daan e decidir sozinha o que é verdade e o que foi exagerado. Se eu terminar desapontada com eles, sempre posso tomar o lado de papai e mamãe (FRANK, 1999, p. 164).

### 3.4 BUSCA DO MUNDO ADULTO

A gente não faz ideia de como mudou até que a mudança já tenha acontecido. Eu mudei de um jeito drástico, tudo em mim é diferente: minhas opiniões, minhas ideias, a visão crítica. Por dentro, por fora, nada é igual. E posso acrescentar com segurança já que é verdade: mudei para melhor (FRANK, 1999, p. 222).

O processo de individualização é um árduo processo de conhecer e desconhecer. Ainda que uma aventura individual, o caminho até si só é possível na relação com o outro. Ser reconhecido pelo outro é uma necessidade básica do sujeito e constituinte do Eu, porém de fundamental importância na infância e adolescência devido à estruturação do psiquismo. “A

criança entra na adolescência com dificuldades, conflitos e incertezas que se magnificam neste momento vital, para sair em seguida à maturidade estabilizada com determinado caráter e personalidade adultos” (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 25).

A preocupação em saber qual a identidade adulta que vai se formar é angustiante para o jovem, como se pode observar na passagem do diário:

Na cama, à noite, enquanto penso em meus muitos pecados e em meus defeitos exagerados, fico tão confusa pela quantidade de coisas que tenho de considerar sério ou choro, dependendo do meu humor. Depois durmo com a sensação estranha de que quero ser diferente do que sou, ou de que sou diferente do que quero ser, ou talvez de me comportar diferente do que sou ou do que quero ser (FRANK, 1999, p. 78).

As ferramentas de enfretamento para esse e outros lutos da vida diária “obtem-se das primeiras figuras introjetadas que formam a base do ego e do superego deste mundo interno do ser” (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 33-34).

O adolescente se torna adulto, quando aquele é capaz de se identificar com as figuras parentais internalizadas sem o impulso do retraimento social. “Normalmente o moço ou a moça se torna capaz de assumir responsabilidades e ajudar a manter ou modificar ou mesmo alterar completamente o legado da geração anterior. Inevitavelmente, ele e ela transmitirão, como adultos, o legado à geração seguinte, no ciclo eterno da humanidade” (WINNICOTT, 1965, p. 218).

Em tempos assim fica difícil; ideias, sonhos e esperanças crescem em nós, somente para ser esmagados pela dura realidade. É um espanto que eu não tenha abandonado todos os meus ideais, já que parecem tão absurdos e pouco práticos. Mas me agarro a eles porque ainda acredito, a despeito de tudo, que no fundo as pessoas são boas (FRANK, 1999, p. 306).

### 3.5 OBJETO TRANSICIONAL

Otto Frank talvez não soubesse o bem que faria a sua filha ao presentear-lhe com um diário que marcaria um período penoso de mudanças fisiológicas e psicológicas da jovem judia. Segundo Marty (2006), “oferecer objetos aos adolescentes para que eles prendam aí a sua violência: a oferta de cultura, de objetos culturais, é essencial e compete aos adultos”.

“O objeto transicional e os fenômenos transicionais iniciam todos os seres humanos com o que sempre será importante para eles, isto é, uma área neutra de experiência que não será contestada” (WINNICOTT, 1975, p. 27). O diário fora uma grande fonte de conforto para Anne Frank, um mediador de conflitos, proporcionando-lhe um espaço de significação e

ressignificação dos conteúdos ameaçadores através da experiência criativa da escrita. “Aquelas explosões violentas no papel são simplesmente expressões de raiva que, numa vida normal, eu poderia ter resolvido me trancando em meu quarto e batendo com os pés, ou xingando mamãe pelas costas” (FRANK, 1999, p. 152).

O diário íntimo funciona como um autoexame permanente, como uma forma de se obter controle sobre os próprios pensamentos e ações. Nessa lógica de uma “narrativa do eu” contínua, o simbólico assume uma função organizadora e conciliadora enquanto o inconsciente é estruturado como linguagem através da escrita. Enquanto a palavra é escutada, a letra se escreve. Para Lacan, a escritura tem acesso direto ao gozo.

Acho difícil descrever o que estou pensando, mas a palavra “mamãe” diz tudo. Sabe no que pensei? Para me dar o sentimento de chamar minha mãe de alguma coisa que soe como ‘mamãe’, costume chama-la de “mamy”. Algumas vezes abrevio para “mam”: uma “mamãe” imperfeita. Gostaria de poder homenageá-la completando a palavra. É bom que ela não perceba isso, porque só ficaria infeliz. Bom, chega dessa conversa. O fato de escrever me levantou um pouco das “profundezas do desespero” (FRANK, 1999, p. 148-149).

As cartas escritas à Kitty são efeito então dessa impossibilidade de serem ditas. A confidencialidade do íntimo à uma amiga a sua escolha, embora fictícia, assume uma instância de “Ideal do Eu” que busca satisfazer os desejos de um “Eu ideal” fragilizado pela crise identitária da jovem judia.

Os “escritos de si” são uma forma criativa de integrar suas vivências e transformá-las em experiências reparadoras. Dar significado as emoções, possibilita o sujeito de lidar com seus conflitos à medida que ele permite ver-se no que escreve.

Eu me escondi dentro de mim, pensei somente em mim e calmamente escrevi no diário sobre toda a minha alegria, o meu sarcasmo e a minha tristeza. Como este diário se transformou numa espécie de livro de memórias, ele significa muito para mim, mas eu poderia facilmente escrever “passado e esquecido” em muitas páginas (FRANK, 1999, p. 152).

Assim como no método de associação livre por meio da fala, a “narrativa do eu” através da escrita, literalmente, produz o sujeito.

Narrar a si mesmo não é diferente de inventar para si mesmo uma vida; assim, por meio da fala e da escrita pode ocorrer a produção de um sujeito, já que o ato autobiográfico, além de contar uma história, constitui a própria história daquele que conta (CAIROLI; GAUER, 2009).

Segundo Freud (1908/2006), a obra literária seria como um devaneio que daria

continuidade ou substituiria o brincar infantil. Através de seus escritos, o autor estaria apresentando suas fantasias.

#### **4 CONCLUSÃO**

O adolescente se encontra recluso em um mundo de interrogações em que precisa saber de si, mas há uma lacuna de respostas entre o eu abalado e seu sujeito. Para isso, ele vai destinar essa pulsão a criação de novas significações e compor um novo elo de referências, além das parentais. Neste momento, a escolha de um amigo (a) íntimo (a) passa a ser importante na vida dos jovens pois a partir da identificação surge a prática de confissão.

Anne Frank teve a chance de, sem ter uma amiga íntima com quem confidenciar, passar por um processo pubertário e todos os dilemas tocantes à adolescência com menor dano e risco ao seu desenvolvimento e saúde psíquica graças aos “escritos de si” endereçados à uma amiga fictícia, Kitty. Em meio ao caos da guerra e ao perigo eminente perturbador, a autora encontrou no objeto transicional – seu diário – não só uma forma de canalização pulsional de sublimação, mas também de ressignificar simbolicamente toda violência, sexualidade, angústia e medo que nela transbordavam. Foi no diário, “no objeto, ou graças a ele, que a pulsão pode atingir suas metas” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Anne percebeu, ainda jovem, que embora privada de liberdade, não havia nada nem ninguém que pudesse confinar o que ela sentia dentro de si, ela mesmo.

Portanto, compreender os fenômenos transicionais da adolescência e o contexto histórico de Anne Frank, faz entender que a sua relação com a escrita se situou no espaço da alteridade, na tentativa de alcançar um lugar em meio aos conflitos internos e externos. Qualificando assim, o diário, a função de objeto transicional tendo a “escrita de si” como sustentáculo da organização psíquica da autora e, Kitty como a representação dessa nova identificação de Anne consigo mesmo.

## BIBLIOGRAFIA

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Tradução de Suzana Maria Garagoray Bailve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BRAGA, C. M. L. **Comunicação e isolamento: uma análise clínica de diários e blogs de adolescentes**. Campinas: PUC - Campinas, 2009.

BRASIL, K. C. T. R. *et al.* Adolescência, violência e objetos culturais: uma intervenção entre o educativo e o terapêutico no espaço escolar. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 205-225, ago. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282015000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282015000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 10 set. 2019.

CAIROLI, P.; GAUER, G. C. A adolescência escrita em blogs. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 205-213, jun. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2009000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 10 set. 2019.

FRANK, A. **O Diário de Anne Frank**. Tradução de Ivanir Alves. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FREITAS, E. A. R. de; SILVA, L. C. A. da. Escritas do mesmo: os adolescentes e seus blogs. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 139-157, dezembro de 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652014000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 set 2019.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneio. In S. Freud. **Obras Completas**, v. 16, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, N. L. de; SANTIAGO, A. L. B. O diário íntimo como produto da cultura moderna. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 22-34, abr. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 10 set. 2019.

PONTES, D. **O Diário Gráfico de Kitty: um olhar sobre as palavras de Anne**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975.